

Corresponsabilidade na Missão



Andrea Pozzo, Pintura do Tecto da Igreja de StºInácio, Roma

Andrea Pozzo, numa carta ao Príncipe do Liechtenstein explicou que se inspirou, para fazer o seu trabalho de S. Ignácio, na passagem de Lc 12.49 “Eu vim trazer o fogo à terra; e como desejaria que já estivesse ateadado!”

O fogo trazido à terra era à época, e para Pozzo, a obra de missionação, com uma nota muito importante de universalidade. Ora, ao lado das “missões” encaradas como envio para todas as partes do mundo conhecido com tarefas concretas.ⁱ

Sempre houve na Companhia de Jesus (SJ) uma especial atenção à ideia de “missão”. Esta, é simplesmente a tarefa confiada por Jesus Cristo aos seus discípulos e à Igreja, ou seja a nós, expressa por exemplo em Mateus 28, 19 e 20: “Ide pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até aos fins dos tempos”.

As “missões” são modos de concretização da “missão” apostólica de que Jesus nos encarregou e a própria revelação não é mais do que o envio feito por Deus do Seu Filho à terra. Cristo, o primeiro encarregue de missão e o primeiro missionário.

Não se pode seguir a Cristo sem ser também enviado, que em grego significa apóstolo. Há uma “missão CVX”, que os respectivos membros traduzirão em missões específicas.

Como é que então se chegou à missão CVX ?

1- UM POUCO DE HISTÓRIA – Herança Genética

A missão comum CVX nada tem a ver com a mesma tarefa concreta que todos os membros CVX teriam que levar a cabo. Missão comum CVX é o modo comum de os vários membros da CVX viverem as tarefas que tenham eleito.

Vejamos então como tudo isto começou:

Em 1551 Inácio funda o Colégio Romano da Companhia e doze anos depois, pela mão de Jena Lewis, aparece a primeira Congregação Mariana. Este grupo, “Prima Primaria”, passou a ser modelo de todas as seguintes congregações que se seguiram.

A jurisdição era da companhia, os membros passaram a não terem que ser forçosamente estudantes, faziam exercícios e colaboravam nas obras apostólicas dos jesuítas.

Em 1773 havia cerca de 2.500 grupos a seguir as regras das Congregações Marianas. Mas em Julho desse ano a Companhia é extinta por Clemente XIV, e portanto em Novembro desse ano, quando o Papa autoriza a continuação das Congregações, estas transformam-se numa obra comum da Igreja, e ligadas aos Bispos.

Muito embora a Companhia de Jesus tenha sido restaurada em 1814, só em 1922 é que se dá um passo importante para se refundarem as Congregações.

Cria-se um Secretariado Central em Roma promotor de Federações Nacionais.

Em 1948 promulga-se um novo estatuto para as Congregações que eram então 55.000 e inicia-se um movimento com várias etapas, que culmina em 1971 com a configuração definitiva do movimento pelo Papa Paulo VI.

Desde 1967 que o nome mudara para CVX, havia-se antes criado uma Federação Mundial, com um Conselho Executivo Mundial, responsável pela realização de várias Assembleias Mundiais.

Criam-se Estatutos e Princípios Gerais.

- Três notas mais salientes a caracterizar a Comunidade:
- - Em primeiro lugar a fidelidade, dentro da Igreja, à espiritualidade Inaciana. Daí a importância dos Exercícios Espirituais.
- - Depois, o sentimento de pertença a um movimento que é mundial, com uma cúpula que está em Roma e que procura imprimir aos pequenos grupos uma dinâmica comum.
- - Finalmente, a natureza laical, e portanto a separação institucional da CVX, em relação à Companhia de Jesus, cujo Padre Geral renunciou ao exercício da sua autoridade sobre os membros da CVX em 1971.

Em Portugal assistia-se, com interesse, a todo este desenrolar de acontecimentos e poderá dizer-se que foi nos fins dos anos sessenta que se procurou introduzir em Portugal as CVX (Pe. Rocha e Mello, Pe. António Vaz Pinto e Manuela Trigo da Rosa).

Mas foi em 1976 que “os três mosqueteiros” de Coimbra (Pe. Vasco Pinto de Magalhães, Pe. António Vaz Pinto e Pe. Alberto de Brito) avançaram com a organização deste movimento em Portugal, centrado de início na pastoral universitária.

Cursos de formação, em Soutelo, para animadores; um primeiro presidente eleito (Mário Ferreira); Estatutos Nacionais, Assembleias Nacionais, personalidade jurídica (em 1991). Tudo isso são passos dados até se atingir aquilo que somos hoje.

Mas porquê esta viagem rápida pela história?

Cada um de nós sabe que a nossa identidade de pessoas radica na nossa história individual. A ponto de podermos dizer que hoje somos aquilo que o nosso passado foi fazendo de cada um de nós.

As instituições, as organizações, os movimentos vivem da componente humana e é esta que lhes confere também uma história.

A CVX tem um sentido que passa por 450 anos de história, que são de construção, fortalecimento, crise, supressão, ressurgimento, renovação.

A CVX tem uma personalidade própria a que até se costuma chamar “carisma CVX”

Que carisma é esse?

2. CARISMA CVX

A palavra “carisma, do grego “Karisma”, começa por ter o sentido de “favor”. No latim “charisma”, é “graça”, “dom de Deus”. E assim se começa por destacar a nota mais importante do nosso carisma: a aceitação e resposta de cada um de nós ao Caminho específico que Deus nos propõe porque nos escolheu.

Depois virão as facetas próprias desse caminho a percorrer e então o “Carisma” CVX não será mais do que a caracterização do movimento e as notas marcantes dos seus membros.

Começemos por aqui e recorrendo evidentemente aos Princípios Gerais.

Como se sabe, os Princípios Gerais, que são 17, agrupam-se num preâmbulo (1,2,3), numa Primeira Parte (4 a 9) que trata do nosso carisma, numa Segunda Parte (10 a 15) que se debruça sobre a “Vida e Organização da Comunidade”, e finalmente na Terceira Parte (16 e 17) onde se achou por bem estabelecer a necessidade de “Aceitação dos Princípios Gerais”.

Não se pode pertencer à CVX sem aceitar os seus Princípios Gerais, e essa aceitação é factor de unidade, de uniformidade, e portanto de sentimento de corpo à escala mundial.

É provavelmente o Princípio Geral 4 que melhor condensa o Carisma CVX e dele se retiram várias notas importantes:

- 1) A natureza abrangente da CVX: “homens e mulheres, adultos e jovens, de todas as condições sociais”. Não se trata pois de um movimento de elites seja a que nível for.
- 2) A vontade de seguir a Cristo, comprometendo-nos, com Ele na construção do Reino. Essa construção faz de nós apóstolos, ou seja, enviados. A CVX é um movimento apostólico, e portanto a nossa formação pessoal ou o sentirmo-nos muito bem no nosso pequeno grupo podem ser consequências (boas), não só devem ser objectivos, ou razão de ser da opção de cada um pela CVX.
- 3) “Estamos particularmente conscientes da necessidade premente de trabalhar pela justiça através de uma opção preferencial pelos pobres e de um estilo de vida simples que expresse a nossa liberdade e solidariedade com eles”. A CVX não pode pois virar as costas à questão social, e orientada pela doutrina social da Igreja, intervir através dos seus membros, inclusive na vida pública, se for o caso.
- 4) A CVX não é um agregado de apóstolados individuais mas funciona em comunidade.

O discernimento pessoal é partilhado com a comunidade, e o envio da comunidade de cada um dos seus membros significa que a acção apostólica individual é acompanhada pela comunidade, por um lado, e que essa acção é levada a cabo não só em nome individual mas também em nome comunitário.

Os outros cinco princípios gerais que completam a primeira parte, “O Nosso Carisma”, trazem-nos características do estilo de vida CVX que são importantes:

- a) Os Exercícios Espirituais de Sto Inácio são “a fonte específica e o instrumento característico da nossa espiritualidade”. (Princípio 5)
- b) Os membros da CVX não formam uma seita dentro da Igreja. São elementos da Igreja alargada no que isso implica de participação na liturgia, colaboração na Pastoral, ajuda em obras apostólicas (Princípio 6).
- c) Os vínculos à comunidade não param no pequeno grupo mas estendem-se à comunidade nacional e à comunidade mundial.
E a consciência de pertença à comunidade alargada é condição de disponibilidade para ocupar cargos a todos os níveis, regional, nacional, mundial.

E sem essa disponibilidade é a própria CVX que morre (Princípio 7).

- d) Não há um campo específico de missão CVX. Como já se referiu, a missão comum é uma forma comum de se exercerem missões. Missões que podem ser de uma variedade ilimitada (Princípio 8).
- e) Maria é “o modelo da nossa colaboração na missão de Cristo”. Por isso é que para o dia mundial CVX se escolheu o dia 23.03.2012, dia da Anunciação. (Princípio 9).

Chegou a altura de falar mais especificamente da “missão”, para depois vermos em que é que se traduz a “corresponsabilização” na missão

3- MISSÃO

Missão vem do latim “missione” e significa “acto de enviar ou ser enviado”, “ incumbência”, “encargo”, etc.

Tem portanto sempre que ver com duas entidades: quem envia e quem é enviado, quem encarrega e quem é que desempenha a função de que foi incumbido.

A primeira e fundamental referência da missão CVX é a missão de Jesus como enviado do Pai: Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós (Jo, 20,21).

Depois, haverá que atentar na Igreja como encarregada de missão. A Igreja é a congregação de todos os crentes que se revêm em Jesus, e que por causa disso continuam a missão de Filho. A razão de ser da Igreja é ser “as mãos e pés de Jesus depois de ressuscitado”. Por isso é que a razão de ser da Igreja é a sua missão apostólica.

Finalmente, quem pretende seguir Jesus e se filia na Igreja, como é o caso dos membros da CVX, não pode deixar de se sentir disponível para a missão.

Por isso é que a vocação CVX é exigente: os grupos de partilha e oração serão sempre um meio, porque a finalidade de cada membro, e do movimento CVX globalmente encarado, deverá ser sempre a missão.

Por isso é que importa ter bem presente que em CVX a missão “não é facultativa”.

Outra coisa é a consideração dos “timings” de que cada um precisa para discernir a sua vocação. Não há vocação CVX com missão e vocação CVX sem missão. Só há vocação CVX, ou não.

Referiremos três notas em relação à missão CVX:

- a) A missão CVX é uma missão profética.
- b) Não há um campo específico de missão.
- c) A missão CVX pode desenvolver-se a níveis distintos.

a) Ao lado do sentido corrente de “profeta” como alguém que prediz o futuro, o adivinho, em Israel é quem fala movido pela fé em Yavé e fala em seu nome.

Etimologicamente, “profeta” é mesmo aquele que fala em nome de outro. Jesus, pelas suas palavras e acção é “profeta” para nós.

A missão CVX é profética, porque se propõe levar aos outros, em palavras e obras, a mensagem de Jesus, em nome de Jesus.

- b) O campo de missão CVX não conhece limites, já o dissemos. Trata-se de um serviço prestado às pessoas e à sociedade, que pode desenvolver-se na casa de casa um ou à escala planetária.

Se o campo de missão não está pré-formatado, a eleição pontual de cada campo de missão passa por um discernimento individual, e em grupo, que terá de ter forçosamente presente a “opção preferencial pelos pobres” de que se falou a propósito do Princípio Geral 4.

Por outras palavras, a promoção da justiça deve estar sempre presente no discernimento que se impõe fazer para eleger a missão apostólica de cada um.

Nessa promoção da justiça cabe evidentemente, numa primeira abordagem, o apoio material aos mais desfavorecidos. Mas cabe também a denúncia das estruturas sociais injustas e a sua transformação.

Ainda, o combate a tudo o que seja marginalização.

Quanto ao discernimento apostólico sabemos tratar-se de uma procura (e encontro) daquilo que interpreto como vontade de Deus a respeito da opção que tenho que tomar. Também sabemos que entram aí a oração individual e comunitária, a percepção correcta da realidade (não, às ilusões que nos confortam), sobretudo, o reconhecimento das moções interiores ao jeito de Sto. Inácio. Consolações, desolações, indiferença inaciana, tudo isso aparece nos pontos 175 a 188 dos EE.

- c) O primeiro nível de desenvolvimento da missão é evidentemente o da missão individual.

A missão pode ser levada a cabo em grupo e surge então como missão colectiva: a mesma tarefa ou tipo de tarefa, levada a cabo por várias pessoas.

Finalmente, a missão tem uma dimensão comunitária falando-se então em missão comum.

Falaremos desta ultima a seguir , mas, antes disso, importa adiantar que todos devemos ser discípulos e apóstolos.

Enquanto discípulos, estaremos sempre com Cristo.

Enquanto apóstolos, levaremos sempre Cristo aos outros.

Na dimensão de discípulos, a intimidade com Cristo através da ORAÇÃO é fundamental.

Estar com Cristo em vocação CVX implica a necessidade de fazer exercícios espirituais.

O aperfeiçoamento da relação com Cristo será tanto maior quanto melhor formação se for adquirindo.

Na dimensão de apóstolos, a missão de levar Cristo aos outros passa por um envolvimento eclesial, no sentido de se ter consciência de que se está a agir na Igreja e com a Igreja.

Passa por uma especial atenção ao posicionamento dos pequenos grupos: o que são e o que devem ser, como funcionam e como deviam funcionar.

Exige, por último, a dimensão comum da missão, isto é, a co-responsabilização na missão.

4- CO-RESPONSABILIZAÇÃO NA MISSÃO

Como já se apontou, a missão comum não significa que os membros da CVX façam todos a mesma coisa ou coisas parecidas.

A missão é comum em virtude da sua origem ser comum. Os membros da CVX assumem a sua missão apostólica na CVX, através da CVX, porque são CVX. A missão é comum em virtude da sua forma ser comum.

No porquê da missão e no modo da missão está pois o traço comum.

A espiritualidade inaciana, a filiação na CVX, são motivação acrescida para a missão apostólica de cada um, individual ou em grupo. A CVX é um movimento em que a missão está no centro da sua razão de ser. E não nos podemos esquecer de outros campos de acção dentro da Igreja que se esgotam, por exemplo na formação, ou na oração, ou em iniciativas culturais.

O modo da missão CVX também é específico porque ela tem sempre uma expressão comunitária. O modo comum de exercer a missão não pode prescindir sempre do envolvimento da comunidade. A nível mundial ou nacional, mas necessariamente também e, diria sobretudo, ao nível do pequeno grupo.

Ora o envolvimento da comunidade na missão de cada um faz-nos a todos co-responsáveis pelas missões dos outros.

Essa corresponsabilidade poderá ter duas dimensões diferentes.

Eu sou responsável pelas missões dos outros, em primeiro lugar, viabilizando que outros possam juntar-se à CVX, e levar a cabo as missões que lhe são próprias. A corresponsabilidade pela missão é, nesta dimensão, o contributo que tenho de dar, em termos muito terra a terra, para que a CVX se expanda.

Quem já é da CVX tem que ajudar a que outros possam ser da CVX, e isto passa, obviamente, pela disponibilidade para ocupar cargos e desempenhar funções, no “aparelho” da CVX. Porque esta também tem uma faceta organizacional,, essencial ao seu funcionamento.

E então é a minha missão que se vai traduzir em trabalho, diário interno, junto da CVX.

Mas a co-responsabilização não é só eu assumir uma missão apostólica que se traduz na viabilização de outras missões apostólicas.

É também, o envolvimento, enquanto membro da comunidade, na missão dos outros membros da comunidade.

Como é que isto então se processa?

Assumir uma missão apostólica e prestar um serviço pode ter lugar em resultado de um chamamento, uma oração ou um discernimento exclusivamente pessoal. Será então uma questão que diz respeito a cada um e só a cada um.

Só que a dimensão comum da missão CVX (e o segundo sentido da co-responsabilização) reclamam algo mais. Esse algo mais é que transforma uma comunidade de apóstolos individuais numa comunidade apostólica.

- a) Isso significa que ao lado do discernimento individual tenha lugar também um discernimento “em comunidade”. O discernimento em comunidade, como a comunidade em si não discerne, e como a comunidade é feita de pessoas, põe estas a abordar não só a missão própria, como a que seja proposta, seja aceite, ou seja da iniciativa de outros membros da comunidade.

E aquilo que é pedido para levar a cabo o discernimento pessoal terá razão de ser ao nível comunitário: prioridades apostólicas, oração grupal, moções interiores a respeito de si ou de outros, etc.

- b) Num segundo momento a comunidade “envia”, um membro (ou mais) em missão apostólica.

O envio não é uma guia de marcha, uma deslocação geográfica, imposta ou proposta, uma tarefa de que alguém nos encarrega, a celebração de um acontecimento. O envio é a consciência de que a opção (individual) por certa missão apostólica, beneficiou do discernimento dos outros membros da comunidade.

Envio é em última instância opção partilhada.

E daí que “o enviado” no desempenho da missão que abraçou, sinta que o faz por sua conta, mas também por conta da comunidade que o enviou.

O enviado deve pois sentir-se, em boa parte, mandatado. Por Cristo, pela Igreja, pela CVX.

- c) Claro que, se a comunidade (ou seja os membros da comunidade) se envolvem no envio de um seu elemento em missão apostólica não podem abandoná-lo a ele, e a desinteressar-se da missão em si.

Apoiam-no acompanhando-o. Informam-se, rezam, prestam auxílio.

Avaliam a missão levada a cabo: O que tem sido feito, como tem sido feito, com que resultados, para continuar, suspender ou acabar?

Discernir, enviar, apoiar e avaliar interagem como facetas da co-responsabilização. Não têm que ser etapas que se sucedem cronologicamente e uma vez por todas.

São o modo de tornar uma missão individual numa missão comum.

ⁱ O que coloca as questões da inculturação, do diálogo inter-religioso e da pobreza como desafios sempre presentes.